Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Manto indígena da era pré-descobrimento será devolvido pelo governo da Dinamarca em maio do ano que vem. Peça raríssima integrará o acervo do Museu Nacional

Relíquia tupinambá volta ao país

» ALINE GOUVEIA

A Dinamarca anunciou que vai devolver ao Brasil um manto do povo Tupinambá, que está em um museu de Copenhague desde 1699. A peça, feita com penas vermelhas do pássaro guará por meio de técnicas ancestrais, é símbolo da memória e resistência do povo indígena. Além de raro — existem apenas dez exemplares em todo o mundo —, o Brasil só contava com uma réplica. O objeto será doado, em maio de 2024, ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que passa por obras de reconstrução após o incêndio de 2018.

Os tupinambás foram um dos primeiros povos originários a terem contato com os europeus, em 1500. O Museu Nacional da Dinamarca ressalta que o retorno do manto ao Brasil, após mais de 300 anos, é fruto da reivindicação de lideranças da etnia, da diplomacia dos dois países e do diálogo entre os museus carioca e dinamarquês. "O patrimônio cultural desempenha um papel decisivo nas narrativas das nações sobre si mesmas e na autocompreensão das pessoas. Isso acontece no mundo todo e, por isso, é importante para nós ajudar na reconstrução do Museu Nacional brasileiro após o incêndio devastador de alguns anos atrás", disse Rane Willerslev, diretor do Museu Nacional da Dinamarca, em nota.

O manto que será devolvido foi levado por viajantes europeus e ofertado a monarcas e famílias nobres antes de chegar ao espaço cultural e histórico dinamarquês. O Museu Nacional do Rio de Janeiro celebrou o retorno do artefato raro e sagrado. "A doação deste importantíssimo objeto cultural brasileiro, que significa tanto para tantas pessoas, é, até agora, a contribuição mais significativa para a nova exposição do primeiro museu do Brasil. Vamos homenageá-lo, valorizá-lo e torná-lo acessível aos povos indígenas", prometeu Alexander Kellner, diretor do museu.

Réplica

Com base em fotografias do manto sagrado raro que está na Dinamarca, a professora e cineasta indígena Glicéria Tupinambá confeccionou uma réplica da relíquia. Com o auxílio dos povos originários mais experientes da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, no Sul da Bahia, Glicéria foi aprendendo a técnica de confecção. "Adquiriu o fio de algodão cru, que seria encerado com cera de abelha e trançado na técnica do jereré, que ainda hoje é usada para confecção das redes de pesca. O trançado modelou a estrutura onde são presas as penas do manto. Pela raridade do pássaro guará nos tempos atuais, foram usadas penas de pássaros que podem ser encontrados em seu próprio território e que fazem parte da vida cotidiana dos tupinambás, como pavões, gaviões, corujas, patos e galinhas", explica o site do Museu Nacional.

Glicéria também visitou, em 2018, uma reserva técnica do museu do Quai Branly, em Paris (França). A professora descreve o artefato como um "presente dos céus para terra". "O manto estava me esperando. Adormecido. Quando eu cheguei, ele acordou. Senti a energia dele: era uma energia feminina, uma energia de mulheres. Naquele espaço, o manto mostrou para mim as imagens de quando tinha sido confeccionado dentro da comunidade. Vi as mulheres, vi as crianças, vi os velhos, as pessoas dentro da aldeia, as penas, eu vi os materiais. Via muita coisa sendo produzida naquela imagem que o manto trazia", relatou a indígena, no Instagram.



Divulgação/Os primeiros brasileiros/UFRJ

O manto tupinambá será uma das peças mais valiosas do futuro acervo do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, destruído por um incêndio em 2018 e que está sendo restaurado

> **"A doação deste importantíssimo objeto cultural brasileiro, que significa tanto para tantas pessoas, é, até agora, a contribuição mais significativa para a nova exposição do primeiro museu do Brasil. Vamos homenageá-lo, valorizá-lo e torná-lo acessível aos povos indígenas""**
>
> ***Alexander Kellner,*** *diretor do Museu Nacional*

DESABAMENTO

IVALDO REGES /AGÊNCIA PIXEL PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO



Bombeiros procuram sobreviventes nos escombros do prédio que desabou

Busca por sobreviventes no Recife

» ISABEL DOURADO*

A Secretaria de Defesa Social confirmou a morte de cinco pessoas no desabamento, ontem de manhã, de parte de um edifício residencial em Paulista, município da Grande Recife. Entre os mortos está um menino de 12 anos. Outra vítima, Deivison Soares da Silva, de 19 anos, foi resgatado com vida, mas não resistiu após dar entrada no hospital. Até o fechamento desta edição, de acordo com o Corpo de Bombeiros, ainda havia oito desaparecidos, que podem estar sob os escombros do prédio.

Duas mulheres foram socorridas com vida, conscientes e com fraturas, e encaminhadas para hospitais da região. Cães farejadores estão auxiliando nas buscas dos desaparecidos.

De acordo com informações preliminares, o prédio estava interditado, mas algumas pessoas insistiram em continuar morando no local — algumas famílias invadiram apartamentos desocupados. A região de Recife está em alerta devido às chuvas que atingem o litoral do estado. Segundo a Defesa Civil, a previsão do tempo indica a possibilidade de chuvas moderadas para hoje.

Em 2018, foi feita uma vistoria no edifício que confirmou a necessidade de interdição, mas a maioria dos moradores permaneceu no local. Não há informação se as pessoas estavam em algum programa habitacional ou se recebiam algum tipo de suporte para deixarem o prédio condenado. A Polícia Militar isolou a área, e a Polícia Civil de Pernambuco enviou uma equipe da delegacia do bairro de Janga para os atendimentos iniciais.

Segundo o coronel Robson Roberto, algumas das vítimas soterradas se comunicaram com os bombeiros ao longo das buscas. "É um trabalho que a gente conta com o auxílio dos cães, que já indicaram onde a gente tem essas possíveis vítimas. Estamos mantendo essas frentes de trabalho, mas é um trabalho tem que ser feito com calma, com cautela, porque são pessoas que estão sob escombros e a gente obviamente está com a intenção de tirá-las com vida local", disse. **(Com agências)**

***Estagiária sob a supervisão de Renato Souza**

CB AGRO

Mulheres ocupam espaço na veterinária

» HENRIQUE FREGONASSE*

Eleita nesta semana a primeira mulher para presidir o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), Ana Elisa Almeida informa que as mulheres são maioria na medicina veterinária. Segundo ela, 56% dos inscritos no sistema do CFMV são mulheres, o que se traduz no número de 102 mil dentre 188 mil cadastros. Para ela, as mulheres apresentam características empáticas não comumente presentes nos homens, o que seria um diferencial para a sua atuação, e que é natural que sejam maioria, pois refletem a divisão por gênero da própria população brasileira.

"Por ser mãe, a gente ausculta, acolhe, ouve, abraça, e eu acho que é muito importante, nas relações humanas, esse olhar de ouvir, de entender a situação de cada um. Já não era sem tempo de nós, mulheres, tomarmos esse posicionamento, já que, hoje, nós estamos atuando nas mais diversas áreas no exercício da profissão, tanto na medicina veterinária quanto na zootecnia."

Ana Elisa Almeida recordou que a veterinária era uma área predominantemente masculina. Ela conta que, ao ingressar na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1981, o espaço das mulheres ficava restrito a algumas áreas de atuação. "Naquele tempo, éramos pouquíssimas mulheres, e sempre havia algumas áreas em que a gente não atuava, por exemplo, fazendas, áreas de reprodução. Às vezes perguntavam: 'Como é que você vai conter um animal, um boi, um cavalo?' Hoje não. Vemos mulheres profissionais, médicas veterinárias atuando em diversas áreas, inclusive na reprodução de grandes animais, trabalhando em fazendas, em piso de fábrica, chefiando grandes turmas na área comercial."

Almeida reforçou que a área de atuação da medicina veterinária e da zootecnologia é muito mais vasta do que se pensa. "É uma profissão do futuro, do presente e do passado. É muito importante. A gente não pode pensar no mundo sem esses profissionais", afirmou.

"Ao tomar seu café da manhã, todos aqueles produtos que estão na mesa, o leite, o queijo, a manteiga, o requeijão, tiveram a participação do médico veterinário e do zootecnista na produção. (O cientista francês) Louis Pasteur já dizia: 'A medicina trata do homem, mas a medicina veterinária trata da humanidade.'"

De acordo com a presidente eleita do CFMV, profissionais da área também atuam na produção de bens de consumo, como alimentos, roupas e móveis, além de serem essenciais à produção agropecuária do país, que tem enorme participação no Produto Interno Bruto (PIB). ela defendeu, ainda, que a medicina veterinária seja tratada no contexto da saúde pública.

***Estagiário sob a supervisão de Vinicius Doria**

Ed Alves/CB/DA.Press



Ana Elisa Almeida: "é uma profissão do futuro, do presente e do passado"